

CIDADES

Gentileza para mudar a cidade

O antropólogo Roberto DaMatta, que participa hoje do Cidades 2006, critica comportamento agressivo e hierarquizado da sociedade

RENATA LACERDA

O antropólogo Roberto DaMatta chega hoje a Vitória para participar do encerramento do Congresso Cidades 2006. Ele vai discutir, com outros dois convidados, como "ser cidadão no mundo contemporâneo".

Para DaMatta, gentileza e paciência entre as pessoas podem mudar a cara das cidades, pois acabaria a idéia de que algumas pessoas são mais importantes do que as outras e diminuiria a distância entre ricos e pobres.

Mestre e doutor pela Universidade de Harvard e professor universitário há 40 anos, DaMatta já publicou mais de 10 livros e assina uma coluna semanal nos jornais "O Estado de São Paulo" e "O Globo".

A Tribuna - Qual é o perfil das cidades brasileiras no século XXI?

Roberto DaMatta - Lamentavelmente, corresponde ao das cidades escravocratas. Cidades que são muito marcadas por diferenças sociais, que não são igualitárias. É uma sociedade fortemente hierarquizada, com concentração de riqueza e diferenças políticas e sociais muito fortes e marcantes, comparadas a algumas sociedades africanas e asiáticas.

- Quem é cidadão brasileiro?

- Existem várias cidadanias no

Brasil. Tem o cidadão de primeira classe, os políticos, que podem fazer tudo, e algumas variedades intermediárias. Um reflexo disso é que toda cidade brasileira tem um centro, os bairros nobres, os bairros periféricos e as favelas. No Rio de Janeiro, isso é mais flagrante porque você olha para cima, para os morros, e vê a consequência da exclusão social, topograficamente expressa.

- Existe um tipo ideal de cidadão?

- Uma postura que deveria ser valorizada é que todos os cidadãos têm o direito de ser iguais, pelo menos perante a lei e a certas oportunidades. Existe uma questão cultural que é a divisão entre a casa e a rua. Em casa, nós somos hospitaleiros, amáveis, respeitamos os parentes e amigos. Na rua, temos a tendência de tratar todos de maneira desconfiada, agressiva. O trânsito é uma prova disso.

Na fila, temos pouca paciência, principalmente se quem está

à nossa frente é alguém considerado inferior. A cidadania brasileira é fundada na exclusão, naquela história de "sabe com quem está falando?". Se eu sou superior, tenho o direito de dizer para o outro: "Me atenda com atenção, porque eu sou especial, eu sou um

doutor ou deputado".

- Essa desconfiança está ligada à violência. Mesmo assim, o comportamento de casa deve ser lavado para a rua?

- A desconfiança gera violência. Se você tem uma casa relativamente segura, você não se importa com o que acontece na rua. É impossível tratar todas as pessoas como tratamos os familiares, mas a idéia que você tem direitos e deveres deveria aparecer mais no universo da rua do que a idéia de superioridade.

A gente deveria aproximar mais esses dois espaços. Não custa nada se comportar na rua com um pouco mais de cordialidade, de boa vontade. Somos compa-

nheiros da cidade. É preciso um mínimo de solidariedade com as pessoas, não porque elas são brancas, ou amigas, mas porque são cidadãs, pertencem ao mesmo ambiente social e têm responsabilidades comuns.

- Se as pessoas adotassem essa postura, o que mudaria nas cidades?

- As cidades iam se transformar em locais mais civilizados, onde você pode atravessar uma rua sem ter medo de ser atropelado, sentar numa praça e conversar com um amigo, ou andar numa calçada sem que as pessoas esbarrassem em você como se você não existisse para elas.

Também refletiria em quem está administrando as cidades, já que teriam demandas de coisas que, hoje, como não nos afeta, não nos preocupa. Hoje, a idéia é que as pessoas da administração pública são donas do Estado. Há um conflito de cidadanias.

DaMatta: "A desconfiança gera violência. Se você tem uma casa relativamente segura, você não se importa com o que acontece na rua"



"A população diz o que é prioridade"

ROBERTA PEIXOTO

Experiências bem-sucedidas é o que não faltam no Congresso Cidades 2006, que está sendo realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Uma delas foi apresentada pelos africanos Issa Sorgho e Jean Bosco Bazie.

Trata-se da Casa de Cooperação Descentralizada, criada há dois anos e meio em Burkina Faso, um país da África. Com o projeto, a população participa ativamente das decisões sociais e econômicas, apontando, principalmente, as prioridades.

Issa Sorgho é um funcionário do governo ligado às atividades de coordenador da casa em Burkina, enquanto Jean Bosco Ba-

zie atua como voluntário. Para dar andamento aos trabalhos, o projeto conta com o apoio financeiro de empresas, governos e demais instituições da França.

A Tribuna - O que é a Casa de Cooperação Descentralizada?

“A população tem oportunidade de dizer as melhorias que quer, apontando as prioridades para os governantes”

Issa Sorgho

ção, ajudando na melhoria das questões sociais e econômicas. Para isso, contamos com a ajuda de parceiros externos.

Jean Bosco Bazie (voluntário) - É um lugar para a reflexão e definição de ações. Temos um espaço físico que fica na

capital, Ouagadougou. Mas para descobrir quais são as necessidades da população, realizamos um trabalho de campo. Atuamos em várias áreas, ajudando desde a formação de mão-de-obra até as questões referentes aos meios de transporte.

- Como as necessidades da população eram resolvidas antes?

Issa Sorgho - Antes, as decisões eram competência somente do governo. Hoje é como se as decisões partissem da base para cima. Isso significa que a população tem oportunidade de dizer as melhorias que quer, apontando as prioridades para os governantes. França e Burkina Faso falam a mesma língua e têm uma história ligada à colonização. Com o projeto, temos a oportunidade de contar com a cooperação da embaixada e do governo franceses, das empresas e de instituições, além da

população de lá. Nessa relação entre as pessoas, se estabelece a coletividade. Quando isso não é coordenado, cada um faz de um jeito.

- Vocês podem dar um exemplo prático de como isso acontece?

Issa Sorgho - Na França, há escolas que renovam as carteiras usadas pelos alunos de 10 em 10 anos. Aí, pensando que vai ajudar, o país resolve doar as carteiras para alguma região da África. Além de pagar caro pelo envio, o governo local esquece que essas carteiras podem não estar adaptadas ao clima tropical. Por isso acabam se estragando. O melhor seria o investimento na própria região, contratando mão-

de-obra local para a atividade, o que traz efeitos e resultados melhores.

Jean Bosco Bazie - É exatamente por isso que existimos. Indicamos para as pessoas que querem ajudar Burkina Faso, por exemplo, qual o melhor caminho para isso. Além disso, ajudamos quem já vive no país.

- Vocês acreditam que esse é realmente o caminho para a resolução dos problemas?

Jean Bosco Bazie - Sim. Pelo menos para o oeste da África, o projeto é algo rentável e eficaz.

Issa Sorgho - As propostas partem das pessoas que vivem o problema, e ninguém melhor do que elas para apontar as suas necessidades. É um método eficaz.

“Temos que mudar a mentalidade da população. Ela não acredita que tem o poder de decisão”

Issa Sorgho